

LISÍSTRATA

Aristófanes

Cansadas de uma guerra que já durava 20 anos, as mulheres de Atenas, de Esparta, de Beócia e de Corinto (cidades gregas mais duramente atingidas pela), chefiadas pela ateniense Lisístrata, decidiram por fim às hostilidades usando de uma tática pouco ortodoxa: uma greve de sexo. Para melhor conseguir seu objetivo ocuparam a cidadela de Atenas – a Acrópole, e tomaram conta do Tesouro. Os maridos não resistiram à greve e concluíram um tratado de paz, depois de uma série de peripécias de grande efeito cômico apesar da ousadia dos detalhes.

A peça de Aristófanes foi uma tentativa real de acabar com uma guerra de verdade. Na época em que foi representada a peça (411 a.C.), Atenas atravessava um período difícil de sua história, ainda não refeita do desastre da expedição malograda à Sicília (413 a.C.). Abandonados por seus aliados, os atenienses tinham a 24 quilômetros de suas cidades as tropas espartanas. Essa luta fatricida enfraquecia a Grécia toda, pondo-a à mercê dos bárbaros. Inspirado por um profundo sentimento de patriotismo e humanidade, Aristófanes se fez porta-voz de todas as esposas e mães gregas e, por intermédio de Lisístrata, lançou um veemente apelo em favor da paz, não somente aos atenienses mas a todos os gregos. Infelizmente a mensagem de Aristófanes não foi ouvida e a guerra continuou, arruinando a Grécia, e as guerras continuaram, mutilando o mundo.

Embora Lisístrata seja a mais licenciosa das comédias de Aristófanes, pela elevação dos sentimentos que animam a heroína, pela nobreza das intenções do comediógrafo e por suas próprias qualidades como teatro a peça bem merece a fama que até hoje desfruta em todas as platéias civilizadas. Vinte e quatro séculos de guerras tornaram-na cada vez mais atual e não diminuíram em nada o brilho da comédia e mesmo a espiritualidade que mal se dissimula por trás da crueza do argumento.

Personagens:

Lisístrata, Cleonice, Mirrina – mulheres de meia idade, atenienses

Lampito – mulher de meia idade, espartana

Duas Moças – (uma da Beócia, outra de Corinto)

Quatro Velhos – atenienses

Oito Mulheres – atenienses

Comissário de Polícia – ateniense

Quatro Soldados – atenienses

Cinésias – ateniense de meia idade, marido de Mirrina

Manes – criado de Cinésias. Um Menino, filho de Cinésias e Mirrina

Embaixador – espartano

Ministro – ateniense

Atenienses, Espartanos – das Delegações de Paz

Conciliação – personificada por uma mulher jovem e bonita

Época:

Cerca de 411 anos antes de Cristo

Local:

Atenas

Cenário:

No primeiro plano a casa de Lisístrata de um lado, do outro a de Cleonice. No segundo plano, no meio de uns rochedos, uma gruta com altar ao Deus Pã. Ao fundo, a Acrópole.

Lisístrata – Se fosse para uma bacanal ou coisa parecida nem teria sido necessário convidá-las. Como é para coisa séria, até agora nenhuma mulher apareceu. *(percebendo Cleonice que se aproximava)*. Até que enfim vejo uma vizinha saindo de casa! Bom dia, Cleonice!

Cleonice – Bom dia, Lisístrata. Por que você está de cara amarrada? Deixe esse ar trágico, meu bem, Você assim vai ficar com rugas.

Lisístrata – É, Cleonice; estou com o coração pulando de raiva de nós mesmas, mulheres. Dizem que com os homens somos espertíssimas...

Cleonice – E somos mesmo!

Lisístrata - ... mas quando se combina um encontro aqui para tratar de assunto tão sério, elas ficam dormindo; não aparecem!

Cleonice – Mas queridinha, elas virão. Você sabe como é difícil para a mulher sair de casa. Uma deve ter estado muito ocupada com o marido; outra teve de acordar a empregada; outra deve ter tido de fazer as crianças dormirem; outra teve de lavá-las; outra deve ter tido trabalho com o mingau...

Lisístrata – Sei de tudo isso mas havia assuntos mais urgentes a tratar aqui!

Cleonice – Mas afinal, querida, por que motivo você nos convocou?

Lisístrata – Quero falar sobre uma coisa...

Cleonice – É grande a coisa?

Lisístrata – Muito grande!

Cleonice – Então todas já deviam ter chegado!

Lisístrata – *(com ar de desânimo)*: A coisa não é essa em que você está pensando! Se fosse já estariam todas aqui há muito tempo. Trata-se de outra coisa, que está remexendo aqui em minha cabeça, que me faz ficar na cama virando para um lado e para outro há muitas noites.

Cleonice – Então essa coisa que faz você se virar tanto deve ser o máximo!

Lisístrata - É sim, e a salvação da pátria depende do apoio das mulheres à minha idéia.

Cleonice – Das mulheres? Fraco apoio...

Lisístrata – Fique certa de que o destino do país está em nossas mãos. Se falharmos a pátria estará perdida, será destruída por tantas lutas fratricidas. Mas se nós, as mulheres, nos unirmos, as mulheres de todos os rincões da Grécia, o país estará salvo.

Cleonice – E que espera você que as mulheres façam de sensato ou de extraordinário, nós que vivemos diante do espelho às voltas com nosso “maquilagem”, nossos vestidos, nossa roupa de baixo, nossas sandálias?

Lisístrata – É justamente isso que nos salvará; nossos vestidos provocantes, nossos perfumes, “rouge”, batom, camisolas transparentes...

Cleonice – Mas como?

Lisístrata – de tal maneira que não se verá mais ninguém erguer a lança contra ninguém...

Cleonice – Nesse caso vou já mandar fazer um vestido bem decotado.

Lisístrata - ... nem carregar escudo...

Cleonice – Vou usar uma camisola transparente!

Lisístrata - ... Nem empunhar espadas.

Cleonice – Ah! Vou comprar umas sandálias bem chiques!

Lisístrata – Diante disso você não acha que as mulheres já deviam ter chegado?

Cleonice – Mais ainda: deveriam ter voado para cá há muito tempo.

Lisístrata – É, querida, mas você vai ver que como boas atenienses elas chegarão tarde demais. Ninguém apareceu! Nem da costa, nem das ilhas...

Cleonice - Elas devem estar atracando... Mas olhe ali! Estou vendo algumas aproximando-se!

Lisístrata – *(mais animada)* É mesmo! Estão vindo outras do lado de lá!

Entra Mirrina.

Mirrina – Será que chegamos tarde, Lisístrata? Que é que há? Por que esse silêncio?

Lisístrata – Você não vai querer elogios por chegar tão tarde e sozinha para tratar de um caso tão importante!

Mirrina - É que custei a encontrar minha cinta no escuro... Mas se o caso é tão urgente estamos aqui. Fale!

Cleonice – Ainda não. Vamos esperar as mulheres das outras cidades. Elas não devem demorar.

Lisístrata – Você tem razão. *(entram Lampito, de Esparta, e duas moças, uma da Beócia e outra de Corinto)*. Aliás Lampito está chegando! Muito bem, minha querida espartana! Salve ela! Você está linda, minha doçura! Que carnação bonita! Que corpo vigoroso! Você seria capaz de estrangular um touro!

Lampito – É mesmo. Eu faço ginástica no estádio e dou meus pulinhos para ficar musculosa!

Lisístrata – (*apalpando o busto de Lampito*) Como é bom ter um busto assim rijo!

Lampito – Você está me apalpando como se quisesse me cortar em pedaços para vender a carne!

Lisístrata – E essa moça aí, quem é?

Mirrina – Uma moça de qualidades, como você está vendo. Ela é da Beócia.

Lisístrata – Sim senhora! Logo se vê. Ela parece muito enxuta!

Cleonice – É sim! É que a Beócia é muito seca. E ela deve Ter pouca vegetação...

Lisístrata – E essa outra mocinha, quem é?

Lampito – De uma família muito proeminente lá de Corinto.

Cleonice – Proeminente mesmo, principalmente de perfil...

Lampito – Mas afinal quem convocou essa reunião de mulheres?

Lisístrata – Fui eu.

Lampito – Então vá logo dizendo o que você quer.

Cleonice – Sim, querida. Já é tempo de revelar que negócio tão sério é esse.

Lisístrata – Vocês já vão saber. Antes, porém, vou fazer uma pergunta – uma perguntinha só.

Cleonice – Quantas você quiser.

Lisístrata – Vocês não sentem falta dos pais de seus filhos que a guerra mantém longe de vocês? Eu sei que os maridos de quase todas estão ausentes.

Cleonice – (*suspirando*) Quanto ao meu, há cinco meses o coitadinho está fora, lá na Trácia, tomando conta de um general para ele não fugir!

Lampito – E o meu? O tempo que ele passa fora do regimento mal dá para pegar de novo o escudo e sai voando!...

Lisístrata – É exatamente isso. Homem mesmo, que é bom, não há. Desde que começou esta última guerra nós não temos consolo... De grande só temos mesmo a saudade. Se eu achasse um meio, vocês concordariam com meu plano para acabar com esta guerra?

Cleonice – É claro! Eu, pelo menos, topo qualquer parada, ainda que tenha que empenhar tudo o que é meu.

Mirrina – Eu também, mesmo que tivesse de me cortar ao meio, como um linguado, e dar metade de mim!

Lampito – E eu subiria uma montanha de joelhos se soubesse que lá no cume encontraria a paz.

Lisístrata – Então vou falar, pois não há mais razões para guardar segredo. Nós, mulheres, se quisermos obrigar nossos maridos a votar pela paz teremos de nos privar...

Cleonice – De quê? Diga logo!

Lisístrata - Vocês se privarão?

Cleonice – Nós nos privaremos, ainda que tenhamos de morrer!

Lisístrata – Muito bem: vocês terão de se privar... de fazer amor! Ei! Por que vocês estão indo embora? Aonde vocês vão? Por que estão com essa cara amuada e coçando a cabeça? E essas lágrimas? Vocês vão ou não vão fazer o que eu disse? Qual é a dificuldade?

Cleonice – Isso eu não posso fazer. Deus me livre! Antes a guerra!

Mirrina – Nem eu. Deus me livre! Prefiro a guerra!

Lisístrata – É você quem fala assim, linguado, você que disse se deixaria cortar ao meio?

Cleonice – Faço qualquer coisa que você queira. Se for preciso andar descalça em cima de uma fogueira, conte comigo. Antes isso que passar sem fazer amor. Isso é insubstituível, minha querida!

Lisístrata – (*dirigindo-se a Mirrina*) E você?

Mirrina – Eu também prefiro andar por cima da fogueira da Cleonice.

Lisístrata – Ó sexo dissoluto! Não escapa uma! Não é sem razão que somos assunto de tu quanto é tragédia. Quando vocês não estão pensando num homem é porque estão pensando em vários! (*dirigindo-se a Lampito*). Mas minha querida espartana, você parece a única que está comigo. Unamo-nos! Ainda poderemos salvar a situação!

Lampito – É doloroso para uma mulher dormir sozinha, sem uma certa coisa... Em todo caso, estou resolvida, pois precisamos de paz!

Lisístrata – Querida! Você é a única mulher de verdade entre todas essas aí!

Cleonice – E se, na medida do possível, nós nos provássemos disso que você disse – Deus me livre! – você garante que conseguiríamos a paz? Será que não há outro meio?

Lisístrata – O meio é exatamente esse! Se ficamos em casa, bem pintadas, com vestidos transparentes, deixando ver certos lugares bem depiladinhos, e quando nossos maridos avançarem para nós, taradinhos, loucos para nos agarrar, nós não deixarmos, garanto que eles votarão logo pela paz!

Lampito – É isso mesmo! Quando Menelau pôs o olho nos seios de Helena, largou logo a espada e mandou brasa!

Cleonice – E se nossos maridos nem perceberem nossos encantos à mostra?

Lisístrata – Eles vêem até o que está escondido, minha filha, quanto mais o que se mostra!...

Cleonice – Eu acho tudo isso uma bobagem. Não gosto de fingir. Mas se eles nos agarrarem e nos levarem à força para o quarto?

Lisístrata – Vocês seguram na porta.

Cleonice – E se eles baterem em nós?

Lisístrata – Em último caso, vocês deixam, mas de má vontade e sem cooperar. Não há prazer nessas coisas quando forçadas. Além disso é preciso fazê-los sofrer. Fique tranqüila; eles entregarão logo os pontos pois o homem sem mulher não tem prazer em nada.

Cleonice – Se vocês são dessa opinião... eu também sou!

Lampito – Nós em Esparta convenceremos nossos homens a votar por uma paz justa, leal. Mas os atenienses, que são de briga, como vai ser possível quietá-los?

Lisístrata – Não tenha receios quanto a isso. Daremos um jeito neles...

Lampito – Enquanto eles tiverem navios de guerra e o Tesouro lá na Acrópole estiver cheio, acho difícil.

Lisístrata – Mas nós pensamos nisso também. Vamos assaltar a Acrópole hoje, minha filha. As mulheres mais velhas têm ordem para isso; enquanto estivermos nos concentrando aqui, a pretexto de rezar juntas, elas ocuparão a Acrópole.

Lampito – Bem; assim pode ser. Você agora me convenceu.

Lisístrata – Então, Lampito, por que não nos unimos logo por um juramento, para que nosso pacto seja inviolável?

Lampito – Boa idéia! Então diga como devemos jurar.

Lisístrata – Vamos tratar disso.

Cleonice – Que juramento você quer fazer, Lisístrata?

Lisístrata – Vamos todas jurar com as mãos em cima de um escudo, como fazem os homens.

Cleonice – Ora, Lisístrata! Esse negócio de escudo cheira a guerra e nós queremos paz.

Lisístrata – Então como vamos jurar? (*pausa*) Tenho outra idéia. Em vez de escudo vamos usar uma grande taça cheia de vinho para jurar, uma taça de paz. Tragam a taça e vinho!

Cleonice – Mas Lisístrata, vinho é vermelho e lembra sangue. E depois podemos ficar embriagadas...

Lisístrata – Assim não se vai chegar a nenhuma conclusão, Cleonice.

Cleonice – Então eu quero ser a primeira...

Lisístrata – Não senhora!

Cleonice - ... a primeira a beber um traguinho desse vinho perfumado.

Lisístrata – Ponham as mãos por cima da taça. Vamos, Lampito! E uma de vocês repetirá em nome de todas o que eu for dizendo. Vocês jurarão o mesmo que eu e nosso compromisso solene será indissolúvel. Atenção! Vamos começar "Não deixarei nenhum homem, seja amante ou marido..."

Cleonice – "Não deixarei nenhum homem, seja amante ou marido..."

Lisístrata – “... chegar perto de mim...” (*dirigindo-se a Cleonice que permanece calada*) Vamos! Repita!

Cleonice – (*com voz sumida*) “... chegar perto de mim...” Ai! Meus joelhos estão fraquejando, Lisístrata!

Lisístrata – “Ficarei em casa sem homem...”

Cleonice – “Ficarei em casa sem homem...”

Lisístrata – “... vestida com camisola transparente e toda enfeitada...”

Cleonice – “... vestida com camisola transparente e toda enfeitada...”

Lisístrata – “... para que meu marido fique tarado por mim...”

Cleonice – “... para que meu marido fique tarado por mim...”

Lisístrata – “... e não me entregarei a ele até que ele vote pela paz...”

Cleonice – “... e não me entregarei a ele até que ele vote pela paz...”

Lisístrata – “... e se, contra a minha vontade, ele me forçar...”

Cleonice – “... e se, contra a minha vontade, ele me forçar...”

Lisístrata – “... não me enroscarei nele nem o abraçarei...”

Cleonice – “... não me enroscarei nele nem o abraçarei...”

Lisístrata – “... nem levantarei meus pés para o teto...”

Cleonice - “... nem levantarei meus pés para o teto...”

Lisístrata – “... nem farei qualquer movimento.”

Cleonice – “... nem farei qualquer movimento.”

Lisístrata – “... Se eu guardar meu juramento, permitam os deuses que eu possa beber sempre vinho...”

Cleonice – “... Se eu guardar meu juramento, permitam os deuses que eu possa beber sempre vinho...”

Lisístrata – “... mas se eu quebrar meu juramento, que esta taça se encha d'água!”

Cleonice – “...mas se eu quebrar meu juramento, que esta taça se encha d'água!”

Lisístrata – Todas juram?

Todas juntas – Juramos!

Lisístrata – Então bebamos! (*demora bebendo*)

Cleonice – Ei! Beba só a sua parte! Afinal, se todas juramos, todas devemos beber!

A taça é passada sucessivamente a todas. Ouvem-se gritos ao longe

Lampito – Que barulho é esse?

Lisístrata – Exatamente o que eu lhe dizia: as mulheres acabam de conquistar a Acrópole. Ocuparam o Tesouro. Agora, Lampito, vá fazer seus preparativos e deixe essas moças comigo como reféns. (*Lampito retira-se*). E nós vamos juntar-nos às outras mulheres na Acrópole e ajudá-las a aferrolhar o Tesouro.

Cleonice – Você não receia que os homens contra-ataquem daqui a pouco?

Lisístrata – Não tenho medo deles. Só abriremos as... portas quando aceitarem nossas condições.

Cleonice – Isso mesmo, ou então não mereceríamos a fama de criaturas mais perigosas do mundo.

Saem todas. Novo cenário. Vêem-se as portas da cidadela da Acrópole. Entram pela direita quatro homens idosos carregando lenha e trazendo nas mãos panelas fumaçantes.

1.º Velho – Avance, homem! Vá mostrando o caminho com seus passos miúdos, apesar dessas toras de árvores que você leva no ombro!

2.º Velho – Acontece tanta coisa inesperada nesta vida! Nunca eu imaginei que mulheres criadas por nós, essas peste dentro de nossas casas, assultassem a Acrópole e ocupassem o Tesouro! E ainda por cima fecharam as portas da cidadela com trancas e ferrolhos!

1.º Velho – Vamos então mais depressa para a Acrópole. Para as mulheres temos aqui essas toras; vamos fazer uma fogueira e assar todas as que se meterem nesse negócio, a começar por Lisístrata.

3.º Velho – Muito bem! Enquanto eu for vivo elas não rirão no meu nariz. O próprio rei de Esparta, que antes ocupou a Acrópole, depois que eu tomei as armas dele na valentia teve que sair de lá correndo desabaladamente em trajes menores. Como ele era cabeludo e sujo!

1.º Velho – Eu lembro disso! Também ajudei a cercar o homem! Seria uma vergonha se eu, só com minha presença, não conseguisse impedir umas mulheres, essas criaturas odiadas pelos deuses e pelos autores de tragédias, de continuarem a fazer violências! Se eu não der um jeito nelas joga fora todos os meus troféus de guerra!

2.º Velho – Só falta subir essa ladeira desgraçada que leva à Acrópole. Quero chegar lá já e já. Será que poderemos levar essa lenha até lá em cima sem a ajuda de uns burros de carga? Essas duas toras já feriram meu ombro! Mas temos de marchar e soprar o fogo para ele não apagar no caminho. *(sopra a panela)* Puxa! Que fumaça!

3.º Velho – *(também soprando a panela)* Quero o fogo bem aceso para atacar essas mulheres lá em cima! Essa fumaça está de morte!

1.º Velho – Meu fogo graças a Deus está bem vivo. Vamos baixar nossas toras aqui mesmo? Depois mergulharemos umas tochas nas panelas cheias de fogo e iremos até as portas da cidadela. Se as mulheres não atenderem ao nosso ultimato para abrir as... portas, poremos fogo nelas. Elas vão virar cinza! Vou por minha carga no chão. Quanta fumaça! Quem me dá uma mãozinha para baixar esse pau? (*põe a lenha no chão juntamente com os outros velhos*). Que alívio! Essa tora já estava esfolando o meu pescoço. Agora vou soprar melhor as brasas na panela para por fogo na minha tocha. Soberana Vitória! Se ficares conosco e nos permitires reprimir a audácia das mulheres na Acrópole erigiremos um troféu em tua honra! Vamos mandar brasa nelas!

Os velhos põem fogo na lenha com as tochas acesas. Entram pela esquerda quatro mulheres trazendo vasos cheios d'água.

1.ª Mulher – Alguma coisa está pegando fogo! Que fumaceira! Deve haver alguma fogueira por aqui! Vamos depressa ver o que há.

2.ª Mulher – Depressa pessoal, antes que esse fogo soprado pelo vento e pelos velhos queime nossas amigas que estão lá dentro da cidadela. Só tenho medo de não chegarmos a tempo de salvá-las. É que havia tanta mulher enchendo vasos na fonte e tanta mulher no caminho já com os vasos cheios que custei a chegar até aqui.

3.ª Mulher – Vim correndo quando ouvi dizer que uns velhos imbecis estavam marchando para cá com paus na mão como se fossem esquentar água para tomar banho, ameaçando céus e terras. (*imitando a voz dos velhos*). “Vamos comer essas abomináveis mulheres assadas na grelha!” Eles vão ver! Em vez de virar churrasco vamos livrar a Grécia e nossos concidadãos da guerra e dessas loucuras todas! Foi para isso que nossas amigas ocuparam a Acrópole. Temos água bastante para apagar o fogo de qualquer homem que se aproximar delas!

1.ª Mulher – Pare de falar! (*percebendo os velhos*) Que é isso? Ah! São os sem-vergonhas! Se fossem boas coisas não fariam esse papel!

1.º Velho – (*percebendo a chegada das mulheres*) Por essa eu não esperava! Uma porção de mulheres vindas de fora para socorrer as lá de dentro!

1.^a Mulher – Por que esse ar abobalhado diante de nós? Será que vocês estão nos achando muitas? Pois bem! Vocês não viram nem a décima-milionésima parte!

1.^o Velho – (*dirigindo-se ao 2.^o Velho*) Vocês vão engolir tudo isso calados? Já não temos motivos bastantes para baixar o pau nelas?

1.^a Mulher – Vamos por também os vasos no chão para poder usar as mãos se eles nos atacarem.

1.^o Velho – Se já tivéssemos dado duas ou três pauladas nelas, elas não estariam mais falando pelos cotovelos.

1.^a Mulher – Pois então bata! Estou aqui e não dou um passo para fugir. Mas tenha cuidado, que nunca mais você vai poder fazer coisa alguma com mulher nenhuma!

1.^o Velho – Se você não se calar eu vou fazer uma porção de rachinhas na sua pele a pauladas!

1.^a Mulher – Toque em mim ainda que seja com o dedo mindinho para você ver o que acontece! Aproxime-se!

1.^o Velho – E se eu pusesse você no chão com um direto? Que é que você faria comigo?

1.^a Mulher – Arrancaria seus pulmões e outras coisas a dentadas!

1.^o Velho – Não há ninguém mais inteligente que os autores de tragédias. Eles é que tem razão. Pode haver criatura mais sem vergonha que a mulher?

1.^a Mulher – Mulheres! Levantemos nossos vasos d'água!

1.^o Velho – Que negócio é esse, flagelo dos deuses? Que é que você vai fazer com essa água?

1.^a Mulher – E você com esse fogo, sepultura ambulante? Será para reacender o seu... entusiasmo, que está apagadinho?

1.º Velho – É para fazer uma fogueira e assar você e suas amigas!

1.ª Mulher – E esta água é para apagar o seu fogo!

1.º Velho – E você acha que é capaz de apagar o meu fogo?

1.ª Mulher – Você vai ver se não sou!

1.º Velho – O que eu vou ver é você virar churrasco nesta tocha!

1.ª Mulher – Vocês está precisando é de um bom banho!

1.º Velho – Banho? Suja é você!

1.ª Mulher – E um banho bem esfregado!

1.º Velho – *(dirigindo-se a outro velho)* Você está ouvindo essa insolente?

1.ª Mulher – Fique sabendo que eu sou uma mulher livre!

1.º Velho – Pois eu vou acabar com essas liberdades!

1.ª Mulher – Você não está no tribunal para ficar aí sentenciando, velhinho!

1.º Velho – *(falando à tocha, que tem na mão)* Bota fogo no cabelo dela, tocha!

1.ª Mulher – *(falando ao vaso que tem na mão)* Apaga o fogo dele, água! *(joga a água do vaso no velho)*.

1.º Velho – Ai, desgraçada!

1.ª Mulher – Está quente?

1.º Velho – Quente coisa nenhuma! Vamos acabar com isso! Que é que você está fazendo, mulher?

1.ª Mulher – Estou regando você, para ver se você fica mais viçoso...

1.º Velho – Eu não sou seco, sou é enxuto! Estou tremendo mas é de frio.

1.ª Mulher – Por que você não se esquenta nesse fogo que você tem aí?

Chega um Comissário de Polícia seguido de quatro soldados)

Comissário – Que barulho é esse aí? Mulher só sabe falar alto!

1.º Velho – Isso não é nada. O senhor precisava ver a insolência delas! Entre outras coisas elas nos molharam com a água desses vasos! Parece até que fizemos uma coisa feia...

Comissário – Bem feito! Nós deixamos as mulheres mostrarem a sua ruindade e depois nos queixamos. Há maridos que vão ao joalheiro e dizem: “Você sabe aquele colar de minha mulher que você consertou? Um dia desses ela estava dançando e aquele negócio pendurado caiu de novo. Eu vou viajar hoje e você bem que podia passar lá em casa para falar com minha mulher e por o negócio pendurado no lugar!” outros vão ao sapateiro, homem de grande negócio e dizem: “O dedinho de minha mulher está todo machucado pela argola daquela sandália que comprei aqui para ela. Passe lá em casa ao meio-dia para alargá-la!” O resultado é esse. Eu, comissário, acostumado a quebrar galhos, não vou permitir que essas mulheres me fechem a porta no nariz! Mas não adianta nada ficar plantado aqui. *(dirigindo-se a um soldado)* Traga os pés-de-cabra! Quero acabar com a insolência delas! Que é que você está fazendo aí parado de boca aberta, infeliz? *(dirigindo-se a outro soldado)* E você, para onde está olhando? Parece que nunca viu mulher! Quer fazer o favor de introduzir os pés-de-cabra por baixo da porta para arrombá-la? Eu mesmo vou ajudar a fazer força.

Abre-se a porta da cidadela e aparece Lisístrata.

Lisístrata – Não é preciso arrombar coisa alguma. Eu mesma saio. Para que pés-de-cabra? Não é isso que falta, mas bom senso e miolo!

Comissário – Você é engraçadinha mesmo! Onde estão os soldados? Você aí! Prenda essa mulher e amarre as mãos dela nas costas! *(avança um soldado)*

Lisístrata – Isso não! Se você me tocar com a ponta dos dedos, mesmo sendo autoridade você vai Ter muito que gemer! *(o soldado recua)*

Comissário – *(ao soldado)* Você está com medo? Vamos, homem! Segure os braços dela!

Aparecem pela porta Cleonice e Mirrina.

Cleonice – *(dirigindo-se ao soldado)* Se você puser as mãos em cima dela eu esvazio suas tripas a pontapés!

Diante da atitude ameaçadora de Cleonice e Mirrina os soldados recuam.

Comissário – Vejam só! “Esvaziar as tripas”! Não há outros soldados por aqui? Amarre essa aí antes das outras, pois ela gosta de gracejar!

Mirrina – *(dirigindo-se ao terceiro 3.º soldado)* Se você tocar nela, ainda que seja de leve, vai Ter de chamar um médico! *(o terceiro soldado recua)*

Comissário – Que é que há? Outro soldado! Segure essa valentona! Não vou deixar vocês escaparem!

Lisístrata – *(dirigindo-se ao 4.º soldado)* Se você se aproximar dela eu arranco o resto de seus cabelos! *(O 4.º soldado recua)*

Comissário – Não é possível! Vamos, soldado! Não podemos perder para mulheres! Marchemos juntos contra elas, em formação de combate!

Lisístrata – Estou perdendo a paciência! Vou Ter de mostrar a vocês que temos quatro batalhões de mulheres prontas para tudo e muito bem armadas!

Comissário – Conversa! *(aos soldados)* A ordem é amarrar as mãos delas nas costas. Vamos! *(os soldados fazem menção de avançar)*

Lisístrata – Mulheres! Saiam todas! Mostrem a sua... bravura *(as mulheres saem aos gritos. Os soldados fogem)* Podem voltar lá para dentro. Também não é preciso agarrá-los!

Comissário – Que vergonha para meus soldados!

Lisístrata – Mas que é que você esperava? Você pensou que estava lidando com seres inferiores? Ou você pensa que mulher não tem coragem?

Comissário – Elas tem até demais... para certas coisas!

1.º Velho – Não adianta, comissário! Com elas é tempo perdido. Por que o senhor foi se meter com essas feras? Não queira saber o banho que elas me deram há pouco, e sem sabão!

1.ª Mulher – Mas meu caro, Não se deve por a mão nos outros por qualquer bobagem. Quem faz isso está sujeito a ficar de olho preto. A única coisa que eu quero é ficar sossegada como um brotinho tímido, sem aborrecer ninguém, sem mexer numa palha. Mas que ninguém ponha a mão na colmeia para apanhar o mel! Quando eu me zango sou de doer!

2.º Velho – Que é que vamos fazer com essas feras? Não agüento tanto insulto! Precisamos pensar seriamente no caso: por que será que eles ocuparam a cidadela da Acrópole?

1.º Velho – (*apontando para Lisístrata*) Pergunte a ela! Passe a conversa nela! E não deixe sem resposta o que ela quiser.

Comissário – (*dirigindo-se a Lisístrata, Cleonice e Mirrina*) Muito bem. Antes de mais nada quero saber por que vocês ocuparam a cidadela.

Lisístrata – Para guardar o dinheiro que está lá no Tesouro e impedir vocês de fazerem guerras por causa desse dinheiro.

Comissário – Então é por causa do dinheiro que fazemos guerras?

Lisístrata – Sim senhor! Vocês e todos os outros. É para poderem roubar nos cargos públicos que vocês vivem armando encrencas. Vocês podem fazer o que quiserem mas no dinheiro do povo, que está lá dentro, ninguém põe a mão!

Comissário – E você! Que é que vai fazer?

Lisístrata – Você ainda pergunta? Agora somos nós, as mulheres, que vamos administrar os dinheiros públicos.

Comissário – Vocês vão administrar o Tesouro?

Lisístrata – Que há de estranho nisso? Não somos nós que administramos os bens de vocês em nossas casas?

Comissário – Mas não é a mesma coisa!

Lisístrata – Como não é a mesma coisa?

Comissário – Os dinheiros públicos são para a guerra.

Lisístrata – mas para início de conversa não é absolutamente necessário que haja guerras.

Comissário – Como então havemos de garantir nossa segurança?

Lisístrata – Agora seremos nós, as mulheres, que cuidaremos da segurança de vocês.

Comissário – Vocês?

Lisístrata – Sim senhor. Nós.

Comissário – Essa é muito forte!

Lisístrata – Ainda que não queiram, vamos salvá-los.

Comissário – Essa não!

Lisístrata – Eu sei que vocês não vão gostar, mas pouco importa.

Comissário – Mas vocês não tem direito de fazer isso!

Lisístrata – Mas temos o dever de salvá-lo, meu amigo.

Comissário – Mesmo sem eu pedir?

Lisístrata – Então? Principalmente se você não pedir.

Comissário – Mas onde vocês foram buscar essa idéia de se meterem com a guerra e com a paz?

Lisístrata – Nós vamos explicar.

Comissário – *(fazendo um gesto ameaçador)* Então fale depressa, senão vai levar umas bordoadas.

Lisístrata – Pois escute e trate de ficar com as mãos bem quietinhas!

Comissário – Não posso contê-las. Elas estão loucas para bater em alguém!

Cleonice – Então bata em você mesmo!

Comissário – *(dirigindo-se a Cleonice)* Qual é o caso, coroa? Você é que está precisando de umas palmadas! *(a Lisístrata)* Agora fale!

Lisístrata – Falo mesmo. No princípio da guerra nós, com a moderação própria das mulheres, suportamos tudo de vocês, homens como vocês fizeram tolices!), pois vocês não nos deixavam abrir a boca. E vocês não faziam coisa alguma para nos agradar. Nós, que conhecíamos vocês muito bem, quando às vezes ficávamos sabendo de resoluções desastradas sobre assuntos importantíssimos, perguntávamos a nossos maridos: “Que foi que decidiram hoje na Assembléia a respeito da paz?”. “Que é que você tem com isso?”, dizia meu marido; “Cale-se!” E eu me calava.

Cleonice – Ah! Mas eu não me calava!

Comissário – Eu imagino o que sobrava para você quando você não se calava!

Lisístrata – Pois eu me calava. As resoluções pioravam cada vez mais. E eu perguntava: “Mas meu marido, como é que vocês podem fazer tantas tolices?” E ele, olhando para mim de cima para baixo, dizia: “Se você não voltar já para suas agulhas e linhas vai ter! A guerra é assunto para homens, como dizia o poeta.”

Comissário – Esse camarada tinha razão!

Lisístrata – Razão por que, bobão? Vocês tomavam resoluções idiotas e nós não podíamos nem dar conselhos. Mas quando ouvíamos dizer nas ruas: “Não há mais homens nesta terra?” e a resposta “Não; acabou!”, então ficamos impressionadas e resolvemos, num comício de mulheres, trabalhar unidas pela salvação da Grécia. Não podíamos mais esperar. Se vocês quiserem escutar quando dermos bons conselhos e souberem calar, como nós sabíamos, seremos a salvação de vocês.

Comissário – Vocês, salvação nossa? É muita pretensão! Essa linguagem eu não agüento!

Lisístrata – Então cale-se!

Comissário – Eu, calar, mandado por você? Você, que usa vestido? Que atrevimento!

Lisístrata – Se o caso é esse, então eu lhe dou o vestido. Está aí. Vista-o e cale-se!

Cleonice – Tome também estas agulhas de bordar e este pano. Depois puxe delicadamente o vestido, sente-se e fique bordando quietinho, ruminando qualquer coisa. E ouça bem: “A guerra passou a ser assunto para mulher!”

1.ª Mulher – (*dirigindo-se às outras*) Mulheres! Deixem os vasos aí e vamos ajudar nossas amigas lá dentro!

Saem todas as mulheres, menos Lisístrata, Cleonice e Mirrina.

Lisístrata – Mas se o doce amor encher nosso corpo de desejos e deixar os homens com um entusiasmo de endurecer o... coração, creio que mereceremos as maiores recompensas.

Comissário – Por haver feito o quê?

Lisístrata – Por haver feito que não haja mais soldados fanfarrões desfilando sua vaidade nas ruas!

Cleonice – Isso mesmo!

Lisístrata – Pois atualmente as ruas estão repletas deles, passeando cheios de armas e pose, mais duros que postes!

Comissário – É a atitude que convém aos bravos.

Lisístrata – Com toda bravura fica muito difícil andar por aí de capacete e escudo fazendo comprinhas...

Cleonice – Exatamente! Um dia desses vi um comandante de cavalaria parado perto de uma vendedora ambulante, montado, tomando sopa de legumes no capacete. Vi outro com suas armas treinando pontaria em figos e azeitonas, assustando todo mundo...

Comissário – Mas como vocês conseguirão acabar com essa desordem toda que há por aí?

Lisístrata – Com a maior simplicidade.

Comissário – Pois explique!

Lisístrata – Como nós fazemos quando estamos bordando. Se a linha embaraça é porque há um nó e então desfazemos o nó. Do mesmo modo vamos desfazer esse nó chamado guerra e outros.

Comissário – Ah!... Então é com linhas e agulhas que vocês pretendem dar jeito em tudo quanto é situação complicada? Que bobagem!...

Lisístrata – Sim senhor! Se vocês tivessem juízo prestariam mais atenção à nossa linha para não fazerem feio em todas as situações complicadas.

Comissário – Como? Vamos! Diga!

Lisístrata – Primeiro, só usaríamos a linha dura. Depois, é tanta gente querendo ocupar os cargos públicos que é como se quisesse enfiar uma porção de linhas ao mesmo tempo no buraco de uma agulha só. Isso não vai mais acontecer! Só entra na agulha linha fina. Linha que pretenda engrossar não entra! Mas para os esforços maiores cada um terá de cooperar com sua linha até formarmos uma corda bem forte, obra da boa vontade de todos, nacionais e estrangeiros. Mais ainda: com muita linha poderemos fazer tecidos para vestir todo o povo!

Comissário – Não é mesmo um desafio misturar assuntos tão sérios com linhas e agulhas? Bem se vê que elas nunca tomaram parte numa guerra!

Lisístrata – Você é mesmo um retardado! O fato é que nós, as mulheres, sofremos duplamente com a guerra. Primeiro, quando levam nossos filhos para combater...

Comissário – Cale a boca, mulher! Não fique recordando coisas tristes!

Lisístrata - ...Depois, quando o natural seria experimentar os prazeres da vida e gozar a mocidade com nossos maridos, ficamos em casa sozinhas por causa da guerra. Não quero nem falar no que nós, as casadas, sofremos com isso, mas para as solteiras ainda é pior, pois elas envelhecem solitárias em seus quartos. Sabe lá o que deve ser isso?

Comissário – E os homens por acaso não envelhecem?

Lisístrata – Ora, comissário! Não é a mesma coisa! Um homem quando volta da guerra, por mais velho que seja, trata logo de casar com um broto. E a mulher, que tem a vida ativa mais curta? Se não aproveitar essa fase ninguém mais vai querer casar com ela. A solteirona passa o resto da vida esperando uma coisa que não vem...

Comissário – Mas todo homem como eu, ainda capaz de dar o que vocês querem...

Lisístrata – Essa é fina! Logo você, que não sei o que está esperando para morrer! O chão está aí; é só arranjar um buraco. Eu até ajudo a enterrar.

Cleonice – E eu faço uma mortalha.

Mirrina – E eu ponho uma coroa em cima.

Lisístrata – Então? Não falta mais nada. A morte está chamando. Vá logo.

As mulheres afastam-se.

Comissário – (*empertigando-se*) Isso é molecagem! Que maneira grossa de tratar uma autoridade! Mas isso não fica assim! Vou contar tudo aos outros comissários!

O comissário retira-se.

1.º Velho – (*dirigindo-se aos outros velhos*) Não podemos dormir no ponto, pessoal. Vamos enfrentar a situação, que não está cheirando bem.

2.º Velho – Para mim esse cheiro não é propriamente da situação. É de coisa pior. Sinto no ar um cheirinho de... ditadura!... Se há alguma coisa espartana nisso, na certa ela está conspirando com as outras mulheres para por a mão em nosso dinheiro!

1.º Velho – É mesmo! Elas ainda têm coragem de censurar os homens! E ficam falando de guerra como se fosse ocupação delas! E ainda por cima querem nos reconciliar com os espartanos! Quem é que pode confiar neles? Um lobo de goela aberta merece mais confiança! Isso tudo me parece um golpe para impor a ditadura! Mas comigo não! Ditadura não é para homem! Estou de olho vivo! Vou me armar dos pés à cabeça e vou para a praça pública! Essa velha maldita vai ver! Vou dar um soco no queixo dela!

As mulheres reaparecem.

1.ª Mulher – Ah!... É? Pois quando você voltar para casa nem sua mãe vai reconhecê-lo. (*dirigindo-se às outras mulheres*) Vamos logo tirar um pouco dessas roupas que estão atrapalhando os nossos movimentos! (*dirigindo-se aos velhos*)

Vocês não crêem que eu possa dar bons conselhos à cidade? Não é crime Ter nascido mulher e o sexo não me impede de ter idéias melhores que as que andam por aí. Posso dar ao país outras coisas boas além dos filhos que já dei! E vocês? Não dão mais nada! (*dirigindo-se ao 1.º velho*) Se você tentar qualquer coisa eu tiro meu sapato e lhe bato com o salto no queixo!

2.º Velho – É o cúmulo da insolência! E a coisa ainda vai piorar! Mas temos de por um paradeiro nessa calamidade! Afinal ainda somos homens dos pés à cabeça. Vamos também tirar nossas túnicas para elas verem! Nós não andamos cheios de roupas como vocês! Ih! Estou sentindo um entusiasmo juvenil! Vamos sacudir nossa velhice e dar asas ao nosso corpo! Vamos sair para a briga!

1.º Velho – Isso mesmo! Se cedermos um passo essas gaiatas tomarão conta de tudo! Daqui a pouco elas vão querer substituir os homens até na cavalaria. E nisso elas tem mais facilidade, pois não há nada que atrapalhe na hora de montar... Vamos, pessoal! Vamos por umas coleiras no pescoço delas!

2.ª Mulher – Se a coisa continuar esquentando eu vou acabar fervendo e vai sobrar bolha em você! (*às outras mulheres*) Se o caso é de mostrar a... valentia vamos tirar mais roupa, para eles verem como nós estamos tinindo de raiva! Quem quiser apanhar primeiro venha! Se um de vocês disser mais uma palavra contra mim (não agüento mais) eu vou sentar em cima da... valentia de alguém!

1.ª Mulher – Gostei de ver! Enquanto tivermos amigas como Lampito e minha companheira da Beócia não sentirei medo de homem algum! Vocês não podem passar sem nós! Sozinhos vocês só sabem fazer decretos! Enquanto nós não pegarmos vocês pelas... pernas e jogarmos num precipício para quebrar o pescoço, vocês não pararão de fazer esses decretos horrorosos! (*vendo Lisístrata aparecer à porta com ar preocupado*) Que ar contrariado é esse, chefe?

Lisístrata – Raça ruim a das mulheres! Se eu não fosse durona já teria desanimado com a fraqueza delas! Parecem brotinhos de coração mole. E eu fico andando de um lado para outro sem saber o que fazer!

1.ª Mulher – Será possível? Será possível?

Lisístrata – É verdade!... É verdade!

1.^a Mulher – Mas a coisa é tão grave? Diga a sua amigas!

Lisístrata – É duro falar e mais duro ainda calar!...

1.^a Mulher – Não esconda nada de mal que esteja acontecendo!

Lisístrata – Em poucas palavras, estão todas malucas lá dentro!

1.^a Mulher – Que horror! Valha-nos Deus!

Lisístrata – Não adianta pedir o auxílio divino. O caso é sério mesmo. Já não consigo mantê-las longe dos maridos; elas fogem. Surpreendi uma, há poucos instantes, abrindo uma brecha no muro; outra descia para a rua por uma corda; outra saiu correndo ao encontro do inimigo; outra já estava para se atirar nos braços do marido quando eu puxei a tarada pelos cabelos. Deu tudo quanto foi desculpa para voltar para casa. Olhe ali uma correndo! Ei! Aonde vai você nessa carreira?

5.^a Mulher – Tenho de ir lá em casa! Deixei uns vestidos de lã no armário. Na certa vai dar mofo.

Lisístrata – Mofo? Volte já para dentro!

5.^a Mulher – Mas eu volto num instantinho! É só o tempo de estender os vestidos na cama...

Lisístrata – Estender na cama... Já percebi tudo! Faça o favor de não tentar fugir!

5.^a Mulher – Mas você quer que eu fique sem vestido?

Lisístrata – É exatamente o que eu não quero!

6.^a Mulher – Sou uma infeliz! Esqueci umas coisas muito importantes lá em casa...

Lisístrata – Lá vem outra querendo coisas que deixou em casa!... Entre!

6.^a Mulher – Juro que é só pegar a coisa e voltar! Só um minutinho!

Lisístrata – Você não vai pegar coisa alguma, senão todas vão querer pegar e adeus juramento!

7.^a Mulher – Ai! Ai! Que dor! Tomara que o parto demore um pouco até eu chegar em casa!

Lisístrata – Que bobagem é essa?

7.^a Mulher – A qualquer momento eu vou ter criança.

Lisístrata – Ter criança? Você ontem não estava nem grávida!...

7.^a Mulher – Mas hoje estou... Deixe-me ir para casa, Lisístrata! Estou precisando de uma parteira já e já!

Lisístrata – Estou desconfiada da gravidez dela... (*apertando o ventre da mulher*) Que coisa dura é essa aí?

7.^a Mulher – É um menino...

Lisístrata – Essa não! Parece uma coisa oca, de metal... (*levantando o vestido da mulher*) Engraçadinha! É um capacete de bronze! E você dizendo que estava grávida!

7.^a Mulher – Estou sim! Garanto que estou grávida!

Lisístrata – Então por que você está com esse negócio aí?

7.^a Mulher – Se não desse tempo de chegar em casa e a criança nascesse por aqui mesmo eu ajeitava a criança no capacete...

Lisístrata – Pura conversa! Você vai Ter a criança aqui mesmo!

8.^a Mulher – Eu não vou poder dormir aqui depois que vi uma cobra...

1.ª Mulher – Eu também tenho tido uma insônia horrorosa por causa dos pios de corujas...

Lisístrata – Vocês são todas umas tolas! Chega de tagarelice! Eu sei muito bem o que vocês estão querendo: os maridos. E vocês pensam que eles também não querem? Devem estar passando noites horríveis. Mas agüentem firmes, minhas valentes amigas, e tenham um pouco mais de paciência. Descubri uma profecia que garante a nossa vitória se continuarmos unidas.

1.ª Mulher – Então leia a profecia!

Lisístrata – Se vocês fizerem silêncio. *(lê)* “Quando as tímidas pombinhas fugindo aos pintos se reunirem num mesmo lugar e fizerem um pouco de jejum do que elas mais gostam, seus males cessarão; o que estava por baixo ficará por cima”.

1.ª Mulher – Então vamos ficar por cima?

Lisístrata – *(continuando a ler)* “Mas se as pombinhas não se unirem e baterem asas, serão os pássaros mais infelizes do mundo”.

1.ª Mulher – A profecia está claríssima! Que bom!

Lisístrata – Então não podemos fraquejar nessa prova, por mais dura que seja. Vai ser uma vergonha se nós fracassarmos, queridinhas!

As mulheres tornam a entrar na cidadela. Dias depois. Vê-se Lisístrata fora das portas.

Lisístrata – Ei! Mulheres! Venham cá depressa!

Mirrina – Que foi que aconteceu? Fale! Por que esses gritos?

Lisístrata – Um homem! Vi um homem vindo para cá com ar de tarado! Parece que ele não agüenta mais o jejum! Se a coisa continuar assim vai sair tudo como nós queremos!

Mirrina – Onde está ele? Quem será o infeliz?

Lisístrata – Lá vem ele naquela curva! Alguma de vocês o conhece?

Mirrina – Eu conheço! É meu marido!

Lisístrata – Agora você vai cozinhá-lo em fogo brando, excitá-lo, prometer, tirar o corpo fora, dar tudo menos o.. que você prometeu não dar.

Mirrina – Fique tranqüila; é isso mesmo que vou fazer!...

Lisístrata – Ótimo! Em todo caso vou ficar aqui para ajudar você a excitá-lo, a acabar de tocar fogo nele! (*dirigindo-se às outras mulheres*) vão todas lá para dentro.

Retiram-se as mulheres, menos Lisístrata e Mirrina. Entra Cinésias, marido de Mirrina, seguido de um criado com uma criança no colo.

Cinésias – Como sou infeliz! Estou até sentindo tonteiras! Meu corpo está todo duro. Não suporta mais esta tortura!

Lisístrata – Quem vem lá?

Cinésias – Eu!

Lisístrata – Um homem?

Cinésias – Um bocado homem!

Lisístrata – Então dê o fora!

Cinésias – Quem é você para me mandar embora?

Lisístrata – A sentinela de dia!

Cinésias – Então pelo amor de Deus vá chamar Mirrina!

Lisístrata – Fique bonzinho aí que talvez eu chame Mirrina. Mas quem é você?

Cinésias – O marido dela, Cinésias!

Lisístrata – Ah!... Bom dia, meu caro! Já sei quem você é! Sua mulher não tira seu nome da boca! Quando ela vê uma fruta ou um ovo diz logo: “Ah! Se o Cinésias estivesse aqui!...”

Cinésias – Ah!... Ela diz isso?

Lisístrata – Diz sim! E quando nós estamos falando de nossos maridos ela diz logo: “Vocês precisam conhecer o meu marido!”

Cinésias – Então vá chamá-la!

Lisístrata – Se eu for você me dá alguma coisa?

Cinésias – Dou sim! Uma coisa que tenho aqui na mão! Não sei se você vai querer...

Lisístrata – Está bem! Então vou chamá-la!

Lisístrata afasta-se.

Cinésias – Vá depressa! Minha vida não tem mais encanto depois que ela me abandonou. Não gosto nem de entrar na casa deserta. Não sinto gosto no que como. Não agüento mais. Todo mundo percebe o tamanho da minha... saudade!

Mirrina – *(sem ser vista, falando a Lisístrata, ambas fora do palco)* Eu amo meu marido! Sim, eu amo Cinésias mas ele não corresponde ao meu amor. Não adiante você me chamar que não vou falar com ele!

Cinésias – Ah! Minha doce Mirrinazinha!... Por que você faz isso comigo? Desça até aqui!

Mirrina – Não! Não vou!

Cinésias – Então eu chamo e você não vem, Mirrina?

Mirrina – Você está me chamando por chamar... Você não me quer para nada!

Cinésias – Eu não quero você? Estou necessitado de você!

Mirrina – Adeus! Vou lá para dentro!

Cinésias – Ouça ao menos seu filho! *(ao filho)* Ei! Você não chama sua mãe?

O Filho – Mamãe! Mamãe! Mamãe!

Cinésias – É o cúmulo! Que é que há com você? Você não tem pena de seu filho, que não toma banho e não mama há seis dias?

Mirrina – É claro que tenho pena dele, pois o pai dele é muito mau.

Cinésias – Desça, diabinha! Tenha pena do menino!

Mirrina – Ser mãe obriga a cada sacrifício!... Tenho de descer! Não posso deixar de descer!

Mirrina aparece.

Cinésias – *(À parte)* Ela parece até mais nova! Que olhar sensual! Este pouco caso dela ainda me deixa mais tarado!

Mirrina – *(correndo para o filho e abraçando-o)* Ah! Filhinho tão bonzinho de um pai tão ruim! Deixe que eu abrace você, filhinho da mamãe!

Cinésias – Por que você faz isso, malvada? Não vá na conversa dessas mulheres! Você me faz sofrer e sofre também! *(tenta abraçar Mirrina)*

Mirrina – Não ponha a mão em cima de mim!

Cinésias – E as coisas lá em casa, as minhas e as suas, que estão se estragando?

Mirrina – Que é que eu tenho com isso?

Cinésias – Pois fique sabendo que as galinhas estão arrastando seus vestidos pelo quintal.

Mirrina – Não estou ligando a mínima importância!

Cinésias – E o amor que nós fazíamos todas as noites? Você também não está ligando?

Mirrina – Enquanto vocês não votarem pela paz, não.

Cinésias – Está bem!... Se não há outro jeito, acaba-se com a guerra!

Mirrina – Que ótimo! Quando vocês fizerem a paz volto para casa. Enquanto durar a guerra eu jurei não fazer isso que você quer.

Cinésias – Ao menos deite um instantinho comigo...

Mirrina – Não! Apesar de eu amar muito você, não!

Cinésias – Você me ama? Então por que você ainda não está deitada, Mirrinazinha?

Mirrina – Você é um inconsciente! Na presença do menino?

Cinésias – Não seja por isso! *(ao criado)* Leve o garoto para casa, Manes. *(o criado obedece)* Pronto! O menino não atrapalha mais. *(pausa)* Você não deita?

Mirrina – Mas onde poderíamos fazer... isso?

Cinésias – *(olhando em volta)* Onde? Ali na gruta de Pã!

Mirrina – Mas como, homem? A gruta é consagrada ao deus! Seria pecado!

Cinésias – *(com ar de embaraço)* É mesmo!... Mas depois você toma um banho na fonte que fica pertinho da gruta. Ela também é consagrada a Pã e você lava o.. pecado!

Mirrina – É... Mas o meu juramento? Você quer que sua mulher cometa perjúrio, desastrado?

Cinésias – Que a culpa caia toda em cima de mim! Pronto! Não pense mais no juramento!

Mirrina – Está bem, está bem!... Vou buscar alguma coisa para editarmos em cima... Um colchão...

Cinésias – Para que colchão? No chão mesmo é bom!

Mirrina – Não senhor! Apesar de você ser muito ruim eu não quero esse desconforto para você! *(sai)*

Cinésias – Minha mulher me ama! Vocês estão vendo? Imaginem se não amasse!...

Mirrina – *(voltando com um colchão)* Pronto! Deite depressa enquanto eu tiro a roupa. *(pausa)* Chi! Esqueci uma coisa! Tenho de ir buscar um lençol!

Cinésias – Para que lençol, mulher? De minha parte dispenso!

Mirrina – Eu sei, mas não fica bem em cima do colchão áspero!

Cinésias – Então me dê um beijinho!

Mirrina – Espere um pouco! *(sai)*

Cinésias – Hum! Volte depressíssima!

Mirrina – *(trazendo um lençol)* Está aqui o lençol. Agora deite; eu tiro a roupa num instantinho! *(Cinésias deita-se)* Ih! Esqueci outra coisa! Você vai ficar sem travesseiro!

Cinésias – Mas não é disso que eu preciso!

Mirrina – (*saindo*) É, mas eu preciso!

Cinésias – Francamente! Esse infeliz vai acabar morrendo de excesso de entusiasmo!

Mirrina – (*voltando com o travesseiro*) Agora estou com tudo.

Cinésias – Com quase tudo... Deite logo, meu tesouro!

Mirrina – Olhe! Já estou desatando meu cinto. Mas lembre-se! Não vá me enganar a respeito da paz! Não vá me decepcionar!

Cinésias – (*esfregando as mãos*) Não, eu garanto! Senão eu morro!

Mirrina – Está bem. (*pausa*) Mas não sei onde estou com a cabeça! Você não tem um cobertor!

Cinésias – Essa não! Eu não quero cobertor! Quero é fazer amor!

Mirrina – (*saindo*) Fique bonzinho que você vai ter amor, mas com cobertor...

Cinésias – Essa mulher vai me matar com o cobertor dela!

Mirrina – (*voltando com o cobertor*) Fique em pé. Está aqui o cobertor.

Cinésias – “Ele” já está em pé...

Mirrina – Você que um pouquinho de perfume?

Cinésias – Não, pelo amor de Deus! Não quero!

Mirrina – Você pode não querer mas eu quero. (*sai*)

Cinésias – Tomara que o perfume derrame no caminho!

Mirrina – *(voltando com um vidrinho)* Abra a mão! *(derrama um pouco de perfume)* Agora esfregue-se!

Cinésias – *(cheirando a mão)* Como cheira mal este perfume! É capaz até de apagar fogo... Isso não é coisa para se usar em noite de núpcias...

Mirrina – *(observando do vidrinho)* Mas eu sou mesmo uma errada!... Trouxe o perfume nacional!

Cinésias – Não faz mal! Esse mesmo serve, com todos os diabos!

Mirrina – Você é muito compreensivo, meu bem, mas este não serve! *(sai)*

Cinésias – Que vá para o inferno quem inventou os perfumes!

Mirrina – *(voltando)* Agora sim! Tome esse vidrão redondo!

Cinésias – Eu já tenho um aqui... Vamos, malvada! Deite-se e não me traga mais nada! Faça o seu papel de mulher!

Mirrina – É o que eu vou fazer. Já estou me descalçando. Mas queridinho, não esqueça de votar primeiro pela paz! *(sai correndo)*

Cinésias – *(arrasado)* Ela me matou, essa mulher, e para rematar foi embora, depois de ficar para cima e para baixo esse tombo! Sou um infeliz! Quer será de mim? Onde é que vou entrar, agora que a mais bonita das mulheres me deixou neste estado? Como é que vou consolar esta criança? Alguém vai Ter que fazer o que aquela malvada não fez!

Reaparece um dos velhos que antes haviam ficado em trajes menores para brigar com as mulheres.

1.º Velho – *(dirigindo-se a Cinésias)* Que estado deplorável, infeliz! Parece que uma grande decepção está roendo sua alma, velhinho! Eu vi tudo de longe. Como é que você agüentou? Como é que o seu... coração suportou essa prova? Você até parece que criou rabo no lado oposto!

Cinésias – Ah! Meu Deus! Que arrepios horríveis!

1.º Velho – A que estado ela reduziu você, essa criminosa, essa bandida!

Cinésias – Não fale dela assim! Diga “essa coisinha querida, essa doçura”!

1.º Velho – Doçura? Malvada é o que ela é! Se eu fosse você eu jogaria essa tratante para o ar e deixaria que ela caísse espetada nesse negócio que está fazendo você sofrer!

Entra um Embaixador de Esparta, no mesmo estado de Cinésias. Atrás dele vem um Ministro do governo ateniense.

Embaixador – Onde é o Senado de Atenas? Ou então onde estão os ministros? Tenho novidades a dizer.

Ministro – Quem é você? Um homem ou um saca-rolhas?

Embaixador – Sou embaixador, meu caro. Estou chegando de Esparta para tratar de paz.

Ministro – Mas você vem tratar de paz com essa lança apontada para nós?

Embaixador – Isto não é lança...

Ministro – Então por que sua roupa está repuxada na frente, a certa altura? Será um tumor que cresceu durante a viagem?

Embaixador – (*à parte*) Esse homem está maluco!

Ministro – (*levantando a túnica do embaixador*) Não é tumor, não! Não adianta disfarçar!

Embaixador – Que negócio é esse? Chega de maluquices!

Ministro – (*virando de costas para o público e levantando a túnica*) Veja!

Ministro – *(virando também de costas para o público e levantando a túnica)*
Veja também! Já percebi tudo! Pode dizer a verdade. Como vão as coisas lá em Esparta?

Embaixador – Esparta inteira está parada. Nossos aliados também. Precisamos urgentemente de nossas mulheres.

Ministro – Qual é causa dessa... doença? Algum castigo divino?

Embaixador – Não. Foi Lampito quem começou. Depois todas as mulheres, como se fossem uma só, aderiram a essa greve de sexo.

Ministro – E como vocês estão passando?

Embaixador – Mal. Andamos até meio caídos para frente, pois não agüentamos o peso da... lança. E as mulheres não se comovem: só acabarão a greve quando for votada a paz em toda a Grécia.

Ministro – Então é uma greve geral das mulheres. Agora estou entendendo! Pois vá dizer já a seu governo que nos envie representantes com plenos poderes para negociar a paz! E eu vou já à Assembléia tratar da eleição de nossos delegados à conferência da paz, depois de mostrar aos deputados o... que você já viu.

Embaixador – Vou voando! Sua opinião é a mais sensata possível!

Saem, o Embaixador pela esquerda e o Ministro pela direita. Reaparecem as mulheres que tinham ficado em trajes menores a ponto de brigarem com os velhos.

1.º Velho – Não há fera mais indomável que a mulher, nem fogo mais destruidor. Nem a pantera é mais traiçoeira.

1.ª Mulher – Você sabe de tudo isso e no entanto quer brigar conosco, quando podia ter em nós as aliadas mais seguras, velho injusto!

1.º Velho – Pode dizer o que quiser mas eu continuarei odiando as mulheres!

1.ª Mulher – Pois continue, mas estou com pena de você assim quase nu. Você está ridículo! Venha cá! Vou por uma túnica em você. (*põe a túnica*)

1.º Velho – Ah! Que gostoso! Vocês são muito boazinhas! Quando eu tirei a túnica estava zangadíssimo.

1.ª Mulher – Agora sim, você parece um homem! Já não está mais ridículo. (*chegando mais perto*) Você está com o olho tão vermelho! Se você não me tivesse xingado tanto eu tirava esse argueiro que você deve ter no olho!

1.º Velho – Então era por isso que eu estava chorando!... Pois tire e me mostre. Esse negócio está me incomodando há muito tempo.

1.ª Mulher – Está bem. Eu vou tirar, apesar de seus desaforos. (*aproximando-se mais do velho e examinando-lhe o olho*) Ih! Que coisa grossa! Parece uma tora! (*tira o argueiro*)

1.º Velho – Muito obrigado! Você me prestou um serviço. As lágrimas estão até rolando!

1.ª Mulher – Vou enxugá-las, embora você seja muito malvado. Vou dar um beijinho no olho para ele ficar bom logo.

1.º Velho – Não me beije!

1.ª Mulher – Mesmo que você não queira eu beijo!

1.º Velho – Chegue para lá, adúladora! Os poetas têm razão quando dizem que com essas pestes a coisa vai mal e sem essas pestes pior. Pois bem! Agora faremos as pazes com vocês. Não maltrataremos mais vocês, nem vocês nos maltratarão. Vamos! Todo mundo junto para comemorar!

Aparece a delegação de Esparta para negociar a paz.

1.º Velho – Olhem lá! Está chegando a delegação de Esparta! Sejam bem-vindos, espartanos! Qual é o caso?

Embaixador – Você ainda pergunta? (*virando-se de costas para o público juntamente com os outros delegados espartanos*) Veja o estado em que estamos!

1.º Velho – Puxa! O mal de vocês cresceu barbaramente e a inflamação parece ter piorado...

Embaixador – Está insustentável! Preciso dizer mais alguma coisa? Viemos para fazer a paz de qualquer maneira, incondicionalmente!

1.º Velho – O pessoal daqui também está vindo para cá. O mal deles também está enorme. Todo mundo vê.

Chega a delegação ateniense.

Ministro – Quem sabe onde está Lisístrata? (*virando-se de costas para o público juntamente com os demais atenienses*) Vejam como estamos!

1.º Velho – (*apontando para os espartanos*) Gozado! Eles estão com a mesma doença!... Ela ataca mais de manhã, AO LEVANTAR?

Ministro – Que nada! A essa nós estávamos acostumados mas agora, se não houver uma reconciliação já, vamos ter de inventar um substituto para as mulheres... Caros amigos espartanos, o que está acontecendo é vergonhoso!

Embaixador – É mesmo. Aparecer diante de vocês neste estado!...

Ministro – Mas vamos ao que interessa. Para que vocês estão aqui?

Embaixador – Pela paz, como enviados plenipotenciários de Esparta.

Ministro – Ótimo! Nós, atenienses, estamos aqui para o mesmo fim. Acho melhor chamarmos logo Lisístrata. Só ela pode resolver nosso problema.

Embaixador – Boa idéia! Em último caso um Lisístrato também serve...

Ministro – Não precisamos mandar chamá-la. Ela já vem aí.

Reaparece Lisístrata.

1.º Velho – Salve a bravura em pessoa! Chegou a hora da senhora mostrar que é terrível e condescendente, malvada e boa, altiva e camarada, profunda conhecedora dos homens! Os gregos mais ilustres, conquistados por seus encantos, madame, abrem passagem e submetem suas querelas à decisão da senhora!

Lisístrata – Não haverá dificuldades, pois estou diante de homens que desejam o que há de mais natural. Vamos já experimentar. Onde está a Conciliação? (*a Conciliação, personificada por uma mulher sumariamente vestida, aparece vestida, aparece trazida pelas outras mulheres. Lisístrata dirige-se a ela*) Traga para cá primeiro os espartanos, não com severidade e arrogância, como se fazia antes, mas gentilmente, como convém às mulheres. Segure pela parte mais saliente os que não quiserem dar a mão. (*a Conciliação traz os espartanos para onde está Lisístrata*) Muito bem. Agora traga os atenienses, segurando-os por onde eles preferirem. (*a Conciliação traz os atenienses*) Espartanos, fiquem aqui perto de mim. Vocês, atenienses, fiquem deste lado. Ouçam todos o que vou dizer. Sou mulher mas tenho cabeça para pensar. Além de ter minhas idéias ouvia as conversas de meu pai e de pessoas mais experimentadas. Por isso sei o que estou dizendo. Agora que vocês estão em minhas mãos quero dizer umas verdades e fazer umas censuras merecidas. Vocês têm de unir-se para não perecerem!

1.º Velho – (*olhando a Conciliação com ar de tarado*) Já estou convencido só de “ver” os “argumentos” dela!

Lisístrata – Vocês, espartanos, têm sido muito injustos com os atenienses. Parecem até esquecidos de que são todos gregos e muitas vezes foram ajudados e até salvos por eles.

Ministro – Isso mesmo, Lisístrata! Eles são de morte. Vivem atacando nosso litoral.

Embaixador – (*à parte e apontando para a Conciliação*) Se eu pudesse, atacava agora mesmo as costas dela! Que beleza de “litoral”!...

Lisístrata – E vocês, atenienses, não se julguem melhores que os espartanos. Se vocês pensassem um pouco perceberiam que eles fizeram mais bem do que mal a vocês até hoje!

Embaixador – Nunca vi uma mulher pegar as coisas tão bem!

Ministro – (*apontando para a Conciliação*) E eu nunca vi uma coisa assim!

Lisístrata – Por que, então, vocês guerreiam? Por que vocês não acabam com essas divergências e se reconciliam de uma vez por todas? Vamos! Qual é a dificuldade?

Embaixador – Se soubéssemos que a Conciliação era assim já estaríamos nos braços dela há muito tempo!

Ministro – Nós também queremos a Conciliação! Primeiro nós!

Lisístrata – Calma! Calma! Ela será de todos! A Conciliação dará tudo que vocês querem quando as negociações de paz forem concluídas. Agora vão consultar todos os outros gregos.

Ministro – Para quê? Quem não vai querer essa Conciliação?

Lisístrata – Então aprontem-se enquanto nós, mulheres, vamos fazer os preparativos lá na cidadela para recebê-los da melhor maneira possível e oferecer a vocês o que temos de mais gostoso. Durante a recepção acertaremos as coisas e trocaremos juramentos de paz. Depois cada um sairá com sua mulher.

Lisístrata torna a entrar na Cidadela.

Ministro – Oba! Vamos depressa, pessoal!

Embaixador – Não quero nem saber para onde: já estou indo!

Ministro – Corram! (*batendo à porta da Cidadela*) Mulheres, chegamos! Abram as portas! Abram senão eu toco fogo em vocês! (*à parte*) Eu ia até esquecendo que não estamos mais brigados! Abram! Se vocês não abrirem nós arrombamos!

Embaixador – Arrambar é conosco! Como é, mulheres? Vamos para casa? Se vocês não forem já, vão Ter muito o que chorar! Elas estão saindo!

Abrem-se as portas. As mulheres saem e confraternizam ruidosamente com os homens.

Ministro – Espartanos, agarrem suas mulheres! Atenienses, segurem as suas! Isso! Os maridos perto das mulheres, as mulheres grudadas nos maridos. Depois de festejar esse fim feliz com danças em honra dos deuses, tratemos de evitar no futuro os mesmos erros que nos deixaram por tanto tempo sem... PAZ!

Efusões gerais; danças e cantos.